

Caminhos esquecidos da literatura e da crítica na Ibero-América: Macedonio Fernández por César Fernández Moreno

Sueli Tomazini Barros Cassal.¹

*SC: O senhor conheceu Macedonio pessoalmente ou por intermédio do seu pai, o poeta Baldomero Fernández? Gostaria que o senhor discorresse sobre a relação que existe entre o homem e a obra em Macedonio Fernández. Em seu livro *A realidade e os papéis*, o Senhor cita uma frase de Milton onde este afirma que o melhor poema de um artista é o próprio artista. Por sua parte, Borges afirma que Macedonio é a metafísica, é a literatura. Amiúde ouve-se dizer que Macedonio supera sua obra. O que o Senhor pensa?*

*CFM: Não conheci Macedonio, mas meu pai o conheceu. Em casa, falava-se pouco dele. Ele ingressou na literatura argentina como "recém-chegado", nos anos 20, com a geração de Borges. Não é por acaso que seu segundo livro chama-se *Papeles de Recienvenido*. Era um homem exatamente da idade de Lugones: ambos nasceram em 1874. Assim, fazia figura de um personagem um pouco estranho, deslocado na cena literária. Em casa, onde havia muito interesse por toda a literatura argentina contemporânea, pouca atenção se prestou a Macedonio. Isso explica que não o tenha conhecido pessoalmente, se bem que conheça pessoalmente seus filhos, com quem mantenho relações amistosas. Quanto à opinião de Borges de que "Macedonio é a literatura, que era impossível não seguir tal cânone etc.", devo dizer que se trata de uma opinião estritamente pessoal e biográfica. Borges conheceu Macedonio em 1920, ao regressar de sua viagem à Europa, onde passara a primeira guerra mundial, "época sem saída, difícil, feita de brumas", creio que diz Borges recordando-se de seus anos de Genebra. Na Europa, entrara em contato com movimentos vanguardistas europeus. Um dos movimentos que mais o marcou foi o expressionismo. Borges voltou a Buenos Aires com um ponto de vista muito europeu. O que encontrou de mais europeu em Buenos Aires foi Macedonio Fernández. Por quê? Macedonio vivia completamente fora da realidade quotidiana ou, pelo menos, vivia em sua literatura. Seria interessante fazer um estudo das ligações entre literatura e vida em Macedonio. Sabemos que ele se casou, que amou sua mulher e seus filhos, que amou outras mulheres depois da morte de sua esposa*

¹ Paris 1979. Texto inédito em português. Publicado em *El Diario de Caracas* de 28/04/1982, com o título de: "Contínuo viver de Macedonio Fernández, o misterioso mestre de Borges". O poeta e crítico literário César Fernández Moreno morreu em Paris no dia 14 de maio de 1985. Sobre Macedonio Fernández, ver em português o livro *Tudo e Nada: pequena antologia dos papéis de um recém-chegado*, Rio de Janeiro, Imago, 1998.

Elena. Em sua juventude deu uma escapada ao Paraguai, para tentar uma experiência de volta à natureza. Quando Borges o persuadiu a entrar no movimento literário argentino, com duas gerações de atraso, ele o fez com muito entusiasmo e muito espírito de cooperação, como mostra agora, para quem não o conheceu pessoalmente, sua correspondência, *Epistolario*.

Seria relativamente fácil encontrar em Macedonio uma relação muito contraditória entre literatura e vida, como se ele se tivesse dedicado à literatura por uma impossibilidade de viver uma vida normal, normal para sua época e seu país. Não compartilho em absoluto das apreciações de pessoas mais ou menos autorizadas sobre a pretendida loucura de Macedonio. Poderíamos dizer que ele era um homem relativamente excêntrico ou neurótico, como o é todo personagem que se afasta das regras vigentes em sua sociedade. Talvez pudéssemos concluir que seu engajamento na literatura foi uma compensação de sua impossibilidade de realizar-se plenamente na vida. Emprego a palavra literatura em um sentido muito particular, muito macedoniano, no sentido de tudo aquilo que se escreve. Se bem que ele tenha dito alguma vez que “era o redator escrito da Revista Oral”. A literatura para Macedonio é primeiramente a poesia ou, talvez, a metafísica, na qual se refugiava e na qual despontava. É também a narrativa, o romance, se entendermos por romance uma série de experimentações – radicalmente novas para seu tempo – sobre a estrutura do romance e seus personagens. Literatura, enfim, essa atividade em que vida e escrita se confundem, como aparece claramente em seu livro *Epistolario*.

O HUMOR DE MACEDONIO

Nesse balaio que estamos chamando de literatura, devemos incluir o humor de Macedonio, que se exprime por construções verbais e teóricas. Na verdade, Macedonio atribui ao humor uma função sobretudo metafísica, na medida em que o humor tem por objetivo questionar a certeza do leitor acerca das leis da lógica. Seu humor é literário, porquanto é escrito; é metafísico, porque abala as certezas do leitor nas leis da lógica, mas é igualmente vital, porque integra a vida quotidiana. O próprio Macedonio dizia que preferia não ter escrito sua teoria sobre o humor se alguém pudesse, finalmente, criticá-lo por não ter sido capaz de criar nenhum chiste em sua vida. Ora, ele deixou-nos muitos chistes. Entre os mais espirituosos, lembremo-nos daquela descrição de uma conferência onde ninguém compareceu e da qual ele disse: “Faltaram tantos que se faltar mais um não vai caber”.

A AUSÊNCIA

SC: Temos aí o tema da ausência, tema central de Macedonio.

CFM: Podemos dizer que a obra de Macedonio se funda no tema da ausência, pois ele é idealista, de um idealismo feroz. O mundo é unicamente o sentido, que supõe tanto o vivido quanto o sonhado. Em consequência, Macedonio decreta o mundo ausente. Ele desenvolve essa idéia em seus escritos metafísicos, especialmente em *No toda es vigilia la de los ojos abiertos*. Ele leva a idéia de ausência a seu paroxismo nos discursos que é convidado a proferir nas conferências literárias. Existe coisa mais mundana do que uma conferência?

BORGES, DISCÍPULO DE MACEDONIO

SC: Quando se fala de Macedonio, sempre somos tentados a invocar a autoridade e o prestígio de Borges. Macedonio é, em parte, responsável por esse apadrinhamento pois disse um dia: "Vivo e é quase um presente que Borges me deu, já que me cita com tanta insistência que corro o risco de me tornar o autor de seus melhores escritos". Por sua vez, Borges declarou ter plagiado Macedonio. Na introdução de suas obras completas, de 1968, Borges diz: "Naquela época quis ser Macedonio". Não se poderia dizer que Borges seria o melhor leitor de Macedonio no sentido em que brilhantemente aplicou os postulados apenas esboçados em Macedonio? A literatura de Borges – operação de leitura – foi uma inspiração de Macedonio, não é? Borges diz que Macedonio o ensinou a ler com ceticismo. Qual é a influência e originalidade de Macedonio com relação a Borges?

CFM: Macedonio começou a ter uma existência literária graças a Borges. Com efeito, Macedonio estava completamente isolado do mundo literário. Depois de ter publicado dois ou três poemas de primeira ordem por volta de 1904, ele se retirara da literatura. Por isso, intitula-se a si mesmo de "Recém-chegado" quando Borges o encoraja a entrar no movimento ultraísta. Borges faz de Macedonio o personagem central da literatura argentina. Confere-lhe igualmente uma dimensão literária no círculo ultraísta que fundou na Argentina nos anos 1920/1927. É claro que o personagem não se reduz a aparições públicas, mas começa a tornar-se conhecido com a publicação de seus primeiros livros, especialmente *Papeles de Recienvenido*, publicado por Proa, a editora do grupo. Esse ingresso no mundo literário estimulou profundamente Macedonio. Ali encontrou uma caixa de ressonância, mesmo tratando-se de um movimento com o qual não tinha muitas afinidades.

De qualquer maneira, Borges não influenciou Macedonio. Foi exatamente o contrário. Creio, com efeito, que a relação de Borges/Macedonio é de discípulo a mestre, Borges vindo a ser o melhor discípulo de Macedonio. Penso que Borges faz uma espécie de adaptação da obra de Macedonio ao contexto histórico e social.

A obra de Macedonio está formulada em termos tão extraordinariamente originais, num estilo muito denso e difícil, que resvala num certo idealismo metafísico, o que torna sua expressão verbal praticamente impossível. Desde o início, Macedonio se depara

com uma impossibilidade. "A linguagem idealista ainda não nos é acessível". Quer dizer que Macedonio, metafísico idealista, só poderia ser um escritor na medida em que não fosse um escritor idealista. Assim, vemos refletir-se em seu estilo uma duríssima contradição. Lembre-se que tal estilo não era bem compreendido pelo grande público, nem mesmo pela própria *intelligentsia*. Não é de admirar que tenham dito que Macedonio era louco. Certas pessoas adotaram a explicação mais fácil, a da loucura de Macedonio. Eu diria que os que disseram isso não conheceram as obras principais de Macedonio. Ele é um escritor que continua vivo, que nos surpreende todos os anos com uma obra "nova". Já escrevi quatro estudos sobre ele e sempre tenho que refazê-los, pois, assim que publico cada estudo, aparece uma nova obra póstuma do jovem escritor Macedonio Fernández, fato que me obriga a modificar e alterar alguns pontos de vista anteriores.

Para voltar a Borges, diria que ele é um vulgarizador de Macedonio. Borges é Macedonio acessível ao público. Ele toma os principais elementos da obra de Macedonio e transforma-os, mediante um extraordinário estilo e um magnífico domínio da linguagem. O que ele transformou são as idéias principais de Macedonio, seus sonhos mais secretos. É um discípulo e não um imitador. Transpõe Macedonio para um outro registro, conservando ao mesmo tempo sua grande originalidade. O que toma de Macedonio não é de modo algum incompatível com sua própria genialidade, muito pelo contrário. Como bom filho, ele é muito parecido com Macedonio.

Macedonio tornou-se escritor pela impossibilidade de viver, o que encontramos repetidamente em Borges. Este, por seu lado, confessou: "vida e morte faltam em minha vida". Os que conhecem sua vida sabem muito bem que ela foi muito limitada, muito idealista, como ele mesmo confessou-me numa entrevista. "Minha infância transcorreu numa biblioteca de ilimitados livros ingleses". Borges viveu nos livros. Desse ponto de vista, qual é a diferença entre Borges e Macedonio? Macedonio expressava-se num registro inaudível. Nunca foi escutado pela sociedade em que vivia, salvo por uma sociedade extremamente reduzida, composta de Borges e de alguns escritores próximos e, sobretudo, de seus próprios filhos – seus melhores intérpretes. Em compensação, Borges encontrou um estilo literário onde as idéias e as obsessões de Macedonio são vertidas numa linguagem acessível a um público mais vasto. Borges, em cuja vida faltaram vida e morte, encontrou uma maneira literária de viver, o que lhe permitiu atingir uma idade bastante avançada e substituir essa ausência de vida e morte pelo exercício da literatura.

Borges chegou a ser um *best-seller*, um homem reconhecido internacionalmente e um precursor do extraordinário florescimento da literatura latino-americana contemporânea. Além disso, influenciou não apenas a literatura latino-americana, como também a européia, particularmente a francesa.

Somos, então, confrontados com uma surpreendente genealogia onde Macedonio, por intermédio de Borges, encontra-se na origem de várias gerações de escritores latino-americanos. Ele os influenciou sem o saber, e sem que eles próprios o soubessem. Isso é verdade para a Argentina – onde ele sempre quis viver – e para outros países também.

BIOY CASARES

SC: Creio que Bioy Casares vem quase em linha direta de Macedonio (penso em A Invenção de Morel) porque, de certa forma, Bioy é também um escritor do encontro impossível no amor.

CFM: Não diria isso. Tampouco o nego. Não estudei suficientemente a obra de Bioy Casares, mas, evidentemente, se prosseguirmos essa classificação algo familiar da literatura argentina, se dissemos que Macedonio é o predecessor e Borges, o filho, não há dúvida de que Bioy Casares é o irmão de Borges, o irmão menor, talvez. E se eles são irmãos, é possível que tenham uma mesma genealogia. Em Bioy Casares, no entanto, vejo uma diferença simultânea com Borges e Macedonio: Bioy soube viver. Ele está na vida e seus romances refletem isso. Não é um homem que tenha vivido atrás de uma muralha de livros. Seus romances são feitos de um bulício de vida e de experiência, impossível em Macedonio e Borges, que falam constantemente de idealidades e imaginações, num mundo radicalmente negado pela metafísica idealista.

SC: O que o Senhor acha dos julgamentos de Borges sobre a obra de Macedonio Fernández?

CFM: Borges não conhece integralmente essa obra e não a conhecerá provavelmente jamais. Além disso, Macedonio negligenciava seus manuscritos e sua obra ainda não foi integralmente publicada. Borges contou-me uma anedota sobre Macedonio: parece que quando este se mudava de casa – coisa muito freqüente – mandava recado para seus amigos onde dizia: “Minha atual mudança de endereço é...”. Ele deixava na casa que abandonava uma porção de manuscritos. Soube que “Elena Belamorte”, talvez um de seus melhores poemas, foi encontrado, 20 anos depois de escrito, numa lata de bolachas. Macedonio escrevia em papéis de embrulho, dos dois lados, escrevendo por cima de outros textos. Eis um exemplo do valor que dava ao que escrevia, mesmo que certa vez tenha-se queixado do pouco interesse do público. Ele dizia que seus livros não tinham tido sucesso: “30 anos foram suficientes para que meus sucessos me levassem a escrever novos livros.” Macedonio ressentia-se da falta de comunicação com o público. E essa falta de comunicação atingia até escritores mais próximos dele, talvez o próprio Borges. Macedonio perdia seus “papéis” e Borges lhe recomendava que tivesse mais cuidado.

Macedonio respondia: "Crês que possa perder algo? Crês que tenho tantas idéias que possa perder alguma delas? Estou sempre escrevendo a mesma coisa". O que é correto. Todos os escritores tornam-se conhecidos quando chegam a expressar as poucas idéias que os obcecaram.

Creio que a perda de manuscritos, bem como a publicação apenas parcial dos que sobraram não permitiram a Borges conhecer toda a obra de Macedonio.

Agora nós podemos ler suas obras completas, o que nos dará muito trabalho, é verdade, mas igualmente nos dará um imenso prazer, um prazer de uma riqueza e novidade extraordinárias, que poucos escritores latino-americanos podem nos oferecer.

Borges tende a apresentar Macedonio como um mestre da palavra oral. Passando em revista os grandes profetas da história, Cristo, Buda, Borges diz: "É curioso que aqueles que mais influenciaram a história são os que falaram e não os que escreveram." Macedonio seria, então, um dos que falaram. Com efeito, lembro-me que quando pedi a Borges que me falasse de Macedonio, ele me disse que a obra de Macedonio não valia nem sua presença nem sua palavra. Isso não é uma artimanha nem uma astúcia de Borges, mas sua experiência. Ele conheceu a palavra e a presença de Macedonio. Ele não teve os livros a que podemos ter acesso agora com a edição das obras completas pela Ediciones Corregidor de Buenos Aires.

SC: Tive a ocasião de ouvir Borges falar de Macedonio e, justamente, ele colocou em relevo o perfil humorístico de Macedonio. Disse que Papeles de Recienvenido é o melhor livro de Macedonio e que não crê que os romances sejam bons. Porém, falando de Museo de la Novela de la Eterna, Rodríguez Monegal afirmou que é a experiência decisiva da literatura hispano-americana deste século.

A CONCEPÇÃO DO ROMANCE EM MACEDONIO FERNÁNDEZ

CFM: Borges fala do que conhece e do que foi editado. É verdade que *Papeles de Recienvenido* é o livro essencial da geração ultraísta e da geração de *Proa*. Ousaria dizer (Borges me perdoe, pois tenho muito carinho por ele) que Borges não leu a *Novela de la Eterna*. Deve ter lido alguns fragmentos publicados em revistas. *Museo* é uma publicação recente...

SC: A 1ª edição é de 1967.

CFM: E, antes, conhecemos alguns fragmentos, publicados em revistas e em livros anteriores.

Se a *Novela de la Eterna* é um romance, então todos os outros romances da história literária não são romances. Como disse Macedonio (não sei se com razão): "No romance mais rico em

acontecimentos nunca aconteceu nada." Essa é uma experiência que ele pessoalmente viveu ao escrever "o último mau romance" *Adriana Buenos Aires*, que deveria ter sido publicado conjuntamente com *Museo*, que tem como subtítulo "o primeiro bom romance". Mas essa obra não é tanto um romance quanto uma pesquisa em profundidade sobre a arte de escrever um romance. Há nela um intercâmbio contínuo entre o autor e as personagens, onde a escrita tem um papel não só de mediação entre o autor e a personagem, mas inclusive um papel de protagonista do processo. *Museo* é uma série de experiências e de hipóteses ilimitadas sobre as diferentes possibilidades do romance.

Vou dar-lhe um exemplo para que a senhora veja em que sentido *Museo* é um romance novo.

Macedonio pergunta-se por que os romancistas se dão tanto trabalho em "matar" suas personagens, se todas as personagens de qualquer romance morrem, instantaneamente e ao mesmo tempo, na última página do livro. Quer dizer que há uma absolutização da personagem enquanto tal e uma recusa da representação, pelo leitor, da personagem enquanto ser real. Por que matar Dom Quixote e Sancho Pança, se ambos morrem na última página do romance? Dessa forma, *Museo* é um modelo de romance em várias dimensões, onde se pode ver, como através de um prisma, todas as possibilidades e impossibilidades da escrita de um romance. *Museo de la Novela*, com seus cinquenta e oito prólogos, tem uma dificuldade extraordinária para avançar. Os diálogos, os encontros entre personagens, os episódios romanescos, tudo é imbricado de tal forma que chega a se embaralhar na mente do leitor e o que resta é uma agudíssima concepção das possibilidades da arte de escrever um romance.

SC: A busca da imaterialidade é a preocupação central de Macedonio. Ele busca um romance que exista apenas em estados de consciência. Fala-nos de um romance que se apresentaria como a música, a arte mais imaterial que existe.

CFM. O que coincide com seu idealismo, no qual apenas os estados de consciência contam. Não existem nem este gravador, nem este escritório onde nos encontramos, nem esta porta. Somente existem estados de consciência que correspondem a essas percepções ou impressões, que são a única realidade, no sentido macedoniano. Em nossa visão sobretudo materialista, fundada na percepção concreta do mundo, podemos adotar tal hipótese como um ponto de partida para uma incursão no mundo ideal. Ao voltar, talvez possamos apreciar melhor o mundo material em que vivemos.

IDEALISMO E REALIDADE ARGENTINA

SC: *Sinto que o Senhor é um admirador de Macedonio e que seu livro A realidade e os papéis apresenta uma tese um pouco macedoniana. A respeito da Argentina, o Senhor diz que "Macedonio é o primeiro escritor realista do nosso Nada". Qual é a relação entre essa descrição do Nada que o*

Senhor atribui a Macedonio e a realidade histórica da Argentina? Qual é a ligação entre "a realidade" e "os papéis" de que o Senhor fala? Costuma-se dizer que Macedonio faz uma literatura de evasão, porém creio que, sob certos aspectos, ele retrata bem a Argentina.

CFM: Essa observação leva-me a fazer uma autocrítica. Macedonio não chegou a realizar plenamente sua vida, não se integrou ao modo de vida argentino. A sociedade argentina foi, para ele, uma caixa de ressonância nula. Por conseguinte, ele teve que se entregar a pequenas caixas de ressonância, a pequenos grupos literários que, inevitavelmente, iriam falsificar sua imagem. É verdade que sempre fui um admirador de Macedonio e, de certo modo, sempre me curvei, de uma maneira um pouco incondicional, à sua percepção da Argentina como Nada. A Argentina não existia para ele, teoricamente, porque ele professava o idealismo, e tampouco na prática, porque não encontrava conexões reais nessa sociedade. É uma conclusão bem macedoniana dizer que ele foi o primeiro descritor realista do nosso Nada. Atualmente, manteria essa definição na medida em que se trata de uma aproximação, de uma sugestão do que é a literatura ou a obra de Macedonio. Sua obra funciona sozinha no vazio, como uma chama que queimasse sem oxigênio. É óbvio que é um contra-senso dizer que a Argentina é Nada. A Argentina é muito, muito... E os acontecimentos dos últimos anos (Macedonio morreu em 1952) nos revelaram a efervescência subjacente, todo o fogo e o sangue que estavam ardendo e pulsando nesse país, com o qual Macedonio não conseguiu tecer laços sociais efetivos que se tecem necessariamente entre um escritor e seu meio. Toda a evasão forçada que sofreu, todo seu isolamento numa Argentina aparentemente idílica, a Argentina dos anos 20, a Argentina do Presidente Alvear, a Argentina rosada, toda essa relação que Macedonio não pôde ter com a Argentina, é depois de sua morte que a está tecendo. Ele a concretiza pouco a pouco, por intermédio de sua obra cada vez mais presente e por essa espécie de simulacro de vida depois da morte, que é a aparição póstuma de suas obras, muito tempo depois de sua morte, e quase todos os anos, num ritmo de produção normal de um escritor vivo. Essa maneira de viver e atuar de Macedonio e de se relacionar com a Argentina prova todas as suas teorias sobre a existência de uma vida posterior à morte. Atualmente, todos os argentinos somos interlocutores de Macedonio e os brasileiros começam a sê-lo, com a senhora.

SC: Gostaria que o Sr. aprofundasse um pouco o tema que relaciona o idealismo de Macedonio à Argentina, pois há toda uma corrente literária influenciada pelo idealismo, representada por Macedonio, Borges, Cortázar, Bioy Casares. O Sr. diz que Papeles de Recienvenido constitui uma crítica aos vícios argentinos. Macedonio falava, então, de uma Argentina bem precisa.

CFM: É verdade que o essencial de sua obra está fundado no idealismo, para o qual a Argentina não era nada. A Argentina era um “estado”, no sentido psicológico do termo, como ele fala de romance “dos estados de consciência”. Em sua busca de uma linguagem idealista – empresa impossível – Macedonio instaurou (ou, em todo o caso, influenciou fortemente) a utilização de um linguajar coloquial comum a outros argentinos, como Borges e outros escritores da geração latino-americana dos anos 50, que se exprimem mediante uma linguagem coloquial e fazem uma poesia próxima da linguagem falada. Macedonio sente um prazer especial em retomar as expressões populares. Por isso seus escritos podem, à maneira jornalística, ser considerados como uma crítica à realidade nacional. Isso vale para *Papeles de Recienvenido* e também para inúmeras passagens da *Novela de la Eterna*. Lembro-me de um texto de *Papeles de Recienvenido* – “Divagação em uma única frase”. Com efeito, em uma única frase de 30 linhas, sem um único ponto, ele evoca tudo o que lhe ensinaram os vendedores ambulantes imigrantes (turcos, italianos, galegos) que batiam à sua porta para apresentar suas mercadorias. É um exemplo da atenção terna e real – nada idealista – de um realismo quase jornalístico, insisto. E na *Novela de la Eterna* há personagens como Dona Nicolasa, a cozinheira, que fazia uns rissoles extraordinários que Macedonio elogiava enfaticamente. Não devemos colocar Macedonio no vértice de seu idealismo até aniquilá-lo (é uma autocrítica que faço). Ao contrário, deveríamos opor a seu idealismo um outro pólo: sua admiração pela vida quotidiana e sua linguagem coloquial, familiar.

A CACHADA

SC: *Seu humor se funda na cachada, no chiste tipicamente argentino.*

CFM: Seu humor reproduz a cachada argentina, essa *cachada* de cavalheiro que “se deleita adulando a excessiva auto-suficiência do vaidoso”. É por esse ângulo que ele critica a Argentina. Para Macedonio, a *cachada* é a “*cachada* de cavalheiro”. O próprio Borges assimilou a lição. Macedonio, diz Borges, “era um homem de um nacionalismo insólito; para ele, aquilo que o povo argentino dizia tinha que ser verdade: Yrigoyen era um grande homem porque fora eleito pelo povo argentino”. Foi Borges quem me disse isso e daí tirei conclusões sobre a instabilidade política de Macedonio. Pessoalmente, não creio que as opiniões de Macedonio sejam muito exatas. Em compensação, creio que era bem real essa espécie de crença de Macedonio na infalibilidade de um povo. Penso que as idéias políticas de Macedonio são a parte mais fraca de sua obra. Podemos constatar isso com a edição de *Teorías*. Em seus livros anteriores, Macedonio nos aparecia como um liberal extremado, a ponto de poder ser considerado como um anarquista (“quanto menos estado houver, melhor será”, dizia). Mas quando, em suas *Teorías*, tenta articular essas idéias de forma coerente, não é muito convincente. Creio tratar-se de um dos aspectos mais fracos da obra,

enquanto ciência política, já que como obra literária continua tendo plena validade.

A LINGUAGEM DE MACEDONIO

SC: Gostaria que o Sr. falasse um pouco do estilo de Macedonio. Há certa ilegibilidade em seus textos. Às vezes é difícil compreendê-lo totalmente, como no "Poema de estudo das estéticas da sesta". É uma escrita barroca.

CFM. Macedonio escrevia sem prestar atenção ao polimento literário de sua obra. Borges observa isso e diz que Macedonio, como escritor, é ruim, porque de difícil leitura. Eu diria que ele não é um escritor fácil de ser lido. E não induziria, a partir da dificuldade de leitura, um juízo de valor. Ele escrevia descuidadamente, sem atribuir muito valor ao escrito. Não corrigia, não polia suas frases, nem se preocupava em ser legível. Quanto ao conteúdo, Macedonio partia de um ponto de vista idealista e se colocava, em relação à linguagem, diante de uma impossibilidade radical. O que ele tinha que dizer não era difícil, mas impossível de ser dito. Que tenha podido expressar-se é uma prova, de uma lado, da genialidade de Macedonio e, de outro, da falsidade de suas próprias teorias.

É justo dizer que ele é difícil de ser lido. No entanto, se o lermos a fundo, constataremos que não há uma vírgula sequer que não esteja perfeitamente colocada. Todas as frases, todos os poemas e ensaios, têm um sentido rigorosamente lógico, que podemos acompanhar perfeitamente. Mas isso requer trabalho. Se alguém começar a ler o poema da Sesta sem estar perfeitamente impregnado da atmosfera de Macedonio, é bem possível que se sinta desconcertado e tenha uma atitude de rejeição.

É necessário buscar o equilíbrio do estilo de Macedonio entre seu impossível afã de expressar o idealismo, entre seu amor pela vida quotidiana e seu linguajar respectivo e a leitura dos clássicos espanhóis, particularmente do *Quixote*.

Os que dizem que Macedonio era louco enganam-se redondamente, pois há nele uma lógica irrefutável. Ele escreve como os clássicos do século de ouro, com frases muito longas, quase sem pontuação e, evidentemente, não é fácil encontrar todos os sujeitos, complementos etc. de uma frase de vinte e cinco linhas...

CERVANTES E POE

A propósito do século de ouro espanhol, Borges disse-me que Macedonio lera poucos livros, mas os lera bem. Um desses poucos livros bem lidos é o *Quixote*. Não apenas porque Macedonio o considera como um dos raros romances bem sucedidos graças aos desdobramentos que Cervantes opera sobre Dom Quixote e sobre o autor fictício a quem Cervantes atribui o Quixote, Cide Hamete Benengeli.

Mediante esses desdobramentos, Macedonio vê no livro os procedimentos que considera essenciais ao romance, ou seja, a substituição do espírito do leitor pelo espírito do personagem. Segundo ele, isso se produz quando Dom Quixote, a quem outorgamos realidade de personagem em toda a primeira parte da obra (publicada em 1605), fala de si mesmo (na segunda parte, de 1616) como personagem da primeira parte do livro. Então, quem é Dom Quixote? Aquela personagem ou esta personagem real que fala na segunda parte? Além disso, Cervantes incorpora, na segunda parte, um livro apócrifo publicado em 1614, assinado por Alonso Fernández de Avellaneda, que pretendia ser uma continuação das aventuras da primeira parte do Quixote. Tudo isso cria no leitor um abalo na certeza de sua própria existência, que é o objetivo do romance.

Macedonio é igualmente um grande admirador de Edgar Allan Poe. Considerava-o um gênio autêntico. Macedonio leu a fundo suas *Histórias extraordinárias* e creio que esse amor de Macedonio pela morte, esse amor por sua "Elena Belamorte", essa quase necrofilia que permeia seu "romance em estados", tudo isso vem diretamente de Poe. Macedonio disse que quando escrevia "Elena Belamorte" sentia-se Poe em inspiração. É evidente que o *nevermore* de Poe ressoa nesse poema. Contudo, o parentesco com Poe aplica-se mais ao conteúdo do que ao estilo.

SC: Como se poderia classificar Macedonio Fernández?

CFM: Creio que ele queria ser um metafísico, porém seu exercício da metafísica levou-o a ser um grande poeta. Porquanto, sua metafísica é, senão falsa, pelo menos incontrolável. Então a nós, seres humanos que vivemos no mundo da matéria, restam-nos seus livros, suas palavras, seus textos que não são outra coisa senão poesia, em sentido lato.

Ao fazer metafísica, fazia poesia, como um alquimista que, ao invés de ouro, obtivesse diamantes. Não sei se ele teve consciência disso pois, na teoria aniquiladora que desenvolveu, a poesia encontra dificilmente seu lugar. Para ele, poesia é vida. Ele define a poesia como a aceitação dolorosa da contingência, do real, do amor, da dor e sobretudo da morte, que chama de "ocultação". Na "Poemática do pensar", Macedonio tenta elaborar a aceitação dolorosa da contingência que para ele foi a morte de Elena "Belamorte", sua esposa.